

A EVOLUÇÃO DA FAMÍLIA E SUAS IMPLICAÇÕES NA EDUCAÇÃO DOS FILHOS

THE FAMILY EVOLUTION AND IMPLICATIONS IN THE CHILDREN CARE

LA EVOLUCIÓN DE LA FAMILIA Y SUS IMPLICACIONES EN LA EDUCACIÓN DE LOS HIJOS

*Mara Cristina Ripoli Meira**

*Maria de Lourdes Centa***

RESUMO: O objetivo deste estudo é fazer uma revisão sobre o papel da família no cuidado dos filhos. Resgata as transformações ocorridas na instituição familiar desde a instituição patriarcal à atualidade enfocando as implicações destas mudanças no processo de cuidar dos filhos.

PALAVRAS-CHAVE: Família; Criança; Cuidado; Educação infantil.

INTRODUÇÃO

A família é um sistema complexo inserido em um contexto social e histórico. Suas estruturas sofrem influências de fatores como a economia, progresso tecnológico, globalização, entre outros, provocando mudanças de valores e comportamento nos mais diversos aspectos. Para isso também contribuiu a mulher no mercado de trabalho, pai assumindo afazeres domésticos, divórcio, novos casamentos, pais solteiros, famílias de homossexuais. Estes fatores mudaram o modo de educar e cuidar dos filhos, tornando esta tarefa desafio

cuidar maior para os pais, pois as mudanças ocorridas, ao longo dos tempos, incidiram na autoridade patriarcal e na divisão dos papéis familiares, alterando as relações entre o homem e a mulher e entre os pais e os filhos, no interior da família⁽¹⁾.

O modelo tradicional de educar os filhos, pelo menos aparentemente, parecia ser menos complexo, pois cada membro da família, pai, mãe e filhos tinham seus papéis definidos e inquestionáveis.

Há crescente e constante evidência de que a natureza do cuidado proporcionada pelos pais aos filhos durante a sua infância é de fundamental significação para o futuro de sua saúde mental⁽²⁾. Atualmente, como agente socializador, a família tem no amor e no apoio mútuo do casal a principal determinante para a educação dos filhos, pois é através destes fatores que os pais podem desempenhar a importante tarefa de formar hábitos, atitudes e valores⁽⁵⁾.

Em nosso país, podemos observar que, além do já mencionado, existem outros fatores que interferem na educação das crianças, como aumento da pobreza, da marginalidade, da violência, da falta de acesso à educação, saúde, moradia. Isto faz com que os pais, muitas vezes, não consigam educar seus filhos, de forma adequada, vendo-se obrigados a mudarem hábitos, aceitarem situações adversas e enfrentarem problemas para os quais não se sentem preparados.

* Enfermeira, docente do curso de enfermagem da faculdade União das Américas – UNIAMÉRICA- Especialista em Saúde Pública com Ênfase em Saúde Mental pela UNIOESTE – PR, Mestranda em Enfermagem pela UFPR. E-mail: marameira@aol.com, fone (045) 523-7285.

** Enfermeira, Professora, Doutora em Enfermagem pela UFSC, coordenadora do grupo de estudos família, saúde e desenvolvimento (GEFASSED) da Universidade Federal do Paraná.

Tendo em vista as diversas transformações por que passamos, devemos refletir sobre família, sua evolução histórica e também sobre como essas transformações interferem na educação de seus filhos. Para que possamos apoiá-la nessa árdua tarefa, procurando torná-la auto suficiente, autônoma e eficaz, temos de propiciar meios para o desenvolvimento de valores, aquisição de habilidades para formar homens capazes de viverem nesse mundo globalizado, pós-moderno, tecnológico, e individualista⁽¹⁾.

Educar filhos hoje, nesse contexto, não é tarefa fácil. A educação dos filhos deve basear-se, entre outros fatores, no amor, respeito, liberdade com responsabilidade, procurando diminuir o individualismo em prol do sujeito coletivo. Só assim o ser humano poderá desenvolver-se em harmonia, com mais condições de vida digna, o que provavelmente nos levará a diminuir os fatores de risco social e aumentará a união entre os povos⁽⁵⁾.

Refletir sobre família, portanto, é adentrar no mundo da realidade, do imaginário, do sonho e da utopia. É relembrar o passado, viver o presente, e pensar no futuro... é entender como o ontem interfere no hoje e como este direciona o amanhã. É ver que a família perpassa a temporalidade, escrevendo a sua história⁽⁵⁾.

Sabe-se, entretanto, que a influência familiar exerce grande repercussão no bem estar biopsicossocial de uma pessoa por toda a sua vida e que apesar do atual interesse que existe em relação à família, sabe-se pouco sobre a sua evolução no passado e suas perspectivas para o futuro, pois as ciências ainda não possuem uma definição adequada de família, ou um conjunto coerente de categorias que sirva de base para analisa-la, ou um rigoroso esquema conceptual para especificar o que há de significativo nela⁽¹⁴⁾.

1 FAMÍLIA, CRIANÇA E INFÂNCIA EM ÉPOCAS DIFERENTES

Em eras remotas, os seres humanos viviam em promiscuidade sexual, os homens praticavam a

poligamia e as mulheres a poliandria, estas relações excluíaam a possibilidade de estabelecer, com certeza, a paternidade, motivo pelo qual a filiação só podia ser contada por linhagem feminina e as mulheres gozavam de grande apreço e respeito. Nesta época quando o pai de família falecia seus bens não passavam para seus filhos e sim para seus irmãos, pois os filhos só podiam ser herdeiros de suas mães.

Com a criação do gado, elaboração de metais, a arte de tecer e, por fim, a agricultura, houve acúmulo de riquezas, as quais foram convertidas em propriedades particulares das famílias e deram ao homem uma posição mais importante do que a da mulher. Este fato modificou a história em relação à ordem da herança estabelecida, pois, a partir desta época houve a revolução da ordem familiar o que resultou na abolição da filiação feminina e do direito hereditário materno, que foi substituído pela filiação masculina e o direito hereditário paterno, resultando na monogamia. Com ela a mulher passa a pertencer a um só homem, a filiação é contada pela linhagem masculina, e as mulheres perdem sua posição de respeito e liberdade passando a serem tratadas como objetos de posse dos homens. O homem apoderou-se também da direção da casa, a mulher viu-se degradada, convertida em servidora, em escrava da luxúria do homem, em simples instrumento de reprodução, caracterizando-se assim a família patriarcal⁽⁶⁾.

Na era medieval até o século XIX as famílias não cuidavam diretamente de seus filhos, existiam hábitos que contribuíam para a alta taxa de mortalidade infantil. Ele refere-se a prática exercida pelas mães, mesmo as mulheres da elite, de enviarem os seus bebês para amas de leite, para serem amamentados até os seus dois anos de idade; ao grande número de bebês abandonados em instituições de caridade à prática de deixarem os bebês por longos períodos de tempo sozinhos e, também, ao costume de enviar crianças, a partir dos sete anos de idade, para viverem com outras famílias para aprenderem ofícios, motivo pelo qual a

socialização das crianças não era assegurada e nem controlada pela família e sim por adultos estranhos⁽¹³⁾.

A criança aprendia pela prática, e essa prática não parava nos limites de uma profissão, ainda mais porque na época não havia limites entre a profissão e a vida particular; a participação na vida profissional – expressão bastante anacrônica, aliás, acarretava a participação na vida privada, com a qual se confundia aquela. Era através do serviço doméstico que o mestre transmitia a uma criança, não ao seu filho, mas ao filho de outro homem, a bagagem de conhecimentos, a experiência prática e o valor humano que pudesse possuir⁽²⁾.

No Brasil, durante o período colonial, o abandono de crianças era prática comum durante o primeiro e o segundo século de colonização. Esta situação causou indignação numa sociedade que herdou a religião européia, motivo pelo qual, também foram criadas as casas de caridade, a roda dos expostos, para acolher crianças abandonadas. O abandono ocorria por vários motivos, entre eles, as mulheres brancas da elite, que tinham seus filhos fora do matrimônio, eram condenadas moralmente, e as da classe trabalhadora, devido à morte e adoecimento dos pais. O abandono era uma forma paradoxal de proteger a criança, e a história secreta da dor feminina, principalmente das mulheres que enfrentavam obstáculos ao tentar assumir e sustentar seus filhos, nascidos fora do matrimônio⁽³⁾. Estes hábitos comuns na época, hoje assustam-nos, dada a importância que representa a criança no seio familiar e a força e o poder do sentimento de amor materno vivenciado pela maioria das mães.

No final do século XIX, a família transformou-se profundamente na medida em que modificou suas relações internas com a criança. Nesse processo, a criança foi fundamental para entender o que estava ocorrendo na época e a necessidade de educá-la ou prepará-la para a vida futura passou a fazer parte da dinâmica familiar, tendo a escola como principal

complemento. A criança passa a freqüentar a escola e permanecer em seus lares, a família se distancia da sociedade para se fechar, cada vez mais, num espaço privado, devido a necessidade de intimidade e de identidade dos seus membros, fator este que se tornou constante na dinâmica da estrutura familiar. O “ficar juntos” demonstrou ser eficaz nas relações familiares⁽³⁾.

Observa-se, portanto, um forte movimento de expressão da criança na família pré-moderna, não havendo segregação entre o mundo da casa e o mundo do trabalho, porém a existência de uma forte segregação dos sexos, transparecendo um alto grau de subordinação da mulher em relação ao homem (modelo patriarcal). No momento em que a produção fabril passa a suplementar o espaço doméstico, ocorre à entrada da mulher e da criança no mercado de trabalho.

Neste período, a preocupação dos adultos com as crianças, passa a ser observada. Embora a mortalidade infantil continuasse elevada a preocupação com a infância fez com que os pais se preocupassem mais com os filhos em relação à atenção, cuidados de higiene, vacinação contra varíola, contribuindo com a redução da mortalidade infantil. Tudo que se referia à família e a criança tornou-se assunto sério, havendo, então, ênfase na higiene e saúde física da criança⁽¹³⁾.

A partir desta época as realidades e os sentimentos das famílias passaram por transformações, numa revolução lenta e profunda, principalmente pelo abandono da prática de enviarem os bebês para amas de aluguel e as crianças para aprenderem a viver e trabalhar com outras famílias, pois a educação passou a ser atribuição da família de origem e da escola. Essa evolução surge da preocupação dos pais em vigiar seus filhos de perto, ficar mais próximos deles e de não abandoná-los, mesmo que temporariamente, aos cuidados de outras famílias. Tal mudança contribuiu para a aproximação da família com a criança, para aumentar o sentimento de família e da infância. A família concentrou-se em torno da criança.

Nas famílias modernas começa a existir a preocupação em preservar a inocência infantil o que resultou em dupla atitude moral em relação à infância, ou seja, preservá-la da “sujeira da vida”, especialmente da sexualidade tolerada e fortalecê-la, desenvolvendo o caráter e a razão. As medidas de atenção, de amor, de carinho e de higiene, desenvolvidas pela família em prol das crianças, sem dúvida, contribuíram acentuadamente para a redução da mortalidade infantil⁽¹³⁾.

As famílias passam a dar maior ênfase à existência da criança, ao seu bem-estar físico e emocional e elas passam a assumir lugar central no contexto familiar. Houve, entre o final do século XIX e as décadas de 1920 e 1930, grande declínio da mortalidade infantil em toda a sociedade, tendo como fatores os alimentos esterilizados e a pasteurização do leite. Além disto, o amor maternal funcionou como variável independente na complexa equação da mortalidade infantil.

Com o processo de industrialização a família moderna evoluiu, passando a ter uma nova conotação, o de família nuclear, formada pelo pai, mãe e seus filhos. Formou-se o sentimento de família, que está diretamente ligado ao sentimento de infância que surgiram da união do pai, da mãe e dos filhos. A família nuclear passa a ter uma consciência de unidade emocional que deve ser protegida, o amor materno gerou um ninho sentimental que uniu a família moderna isolando-a em sua domesticidade⁽³⁾.

A família nuclear como um pequeno grupo-tarefa, no qual os membros adultos realizam tarefas diferenciadas e complementares, transparecendo os modelos feminino e masculino de ações intrafamiliares. O pai (masculino) tem o papel de provedor, constituindo-se na principal fonte de recursos monetários, a mãe (feminino), por sua vez, tem o papel de cuidar e zelar pelo bem-estar do convívio social entre os membros da família; organizando, protegendo, administrando o orçamento doméstico, no sentido de proporcionar um clima familiar ameno e harmonioso. As funções domésticas direcionadas somente à mulher perdem força de

atuação ao longo da história, deixando para trás alguns preconceitos e situações existentes. A partir dos anos 60 e 70, aproximadamente, a argumentação funcionalista passou a perder campo, tendo a família nuclear como principal foco de análise⁽⁴⁾.

Observa-se, nesse contexto, que a evolução da importância da criança na família e, por consequência, na sociedade moderna, reforça a idéia de que a situação de bem-estar das crianças e dos adolescentes encontram-se diretamente relacionada à possibilidade de manterem-se um vínculo familiar seguro.

Com o passar do tempo a família nuclear ou moderna, transforma-se em família pós-moderna, termo este utilizado para caracterizar as famílias em nossa contemporaneidade. O que caracteriza a família e o casamento, numa situação pós-moderna, é justamente a inexistência de um modelo dominante, seja a respeito das práticas ou do discurso normatizador das práticas, em qualquer contexto social⁽⁴⁾. Na atualidade prevalece a família nuclear, onde se verifica o aumento nas relações sexuais pré conjugais, aumento de gravidez na adolescência, a existência de casamento monogâmico com uniões consensuais e divórcios, ocorrência de mais uniões sucessivas, que estimula a redução do número de filhos⁽⁵⁾.

Percebe-se que as mudanças ocorridas no seio familiar levaram a uma rápida perda das tradições, como em nenhuma outra época da história. Ao estudar a história do desenvolvimento da família, verifica-se que questões preestabelecidas na família patriarcal como o casamento, o trabalho, a sexualidade e o amor, transformaram-se em projetos individuais. A busca da individualidade incidiu diretamente nas mudanças dos padrões familiares, impulsionado, principalmente, pelas mulheres, a partir do momento em que assumiram o controle da reprodução e conquistaram seu espaço na sociedade. Por outro lado, esta conquista tem gerado muitos problemas no meio familiar, um deles é compatibilizar a individualidade e a reciprocidade familiar.

Na medida em que existe espaço social para o desenvolvimento da individualidade parece

que os papéis familiares se tornam conflitivos, na sua maneira tradicional. Os papéis sexuais e as obrigações entre pais e filhos não se encontram mais definidos. A divisão sexual das funções, o detentor da autoridade e todas as questões dos direitos e deveres familiares, na atualidade, são negociados entre os membros da família. A divisão do trabalho doméstico e cuidado dos filhos entre os cônjuges, cooperação financeira da mulher no sustento do lar, levaram a um questionamento da autoridade masculina no seio familiar⁽¹⁾.

Verifica-se que o contexto de perda do modelo tradicional de autoridade familiar, dos pais sobre os filhos e do marido sobre a esposa, tem gerado um conflito entre os exageros da autoridade do tipo tradicional e a autoridade necessária dos pais, levando a uma permissividade que tem prejudicado as crianças, que, por vezes, estão sendo criadas sem o estabelecimento de limites. Entretanto, em fase de transição acelerada de valores e atitudes, que atualmente atravessa a família em relação aos filhos, são tensões e conflitos comuns em áreas relacionadas ao controle e distribuição de poder, além das oscilações e ambivalência ao longo do contínuo permissividade-controle rígido, já que para os pais, está em jogo, além do interesse de seus filhos, a imagem social em que projetam a sua própria auto-imagem, como agentes socializadores⁽¹⁾.

A família na sociedade contemporânea sofre, influência de fatores como o mercado de trabalho, possibilidades de consumo, acesso a sistema de saúde e educacional, à informação e ação da mídia entre outros. Como resultado, temos maneiras diferenciadas de articulações das relações familiares, que se expressam no significado dos vários papéis familiares. Em relação à criança e ao adolescente, é no atual contexto da família que eles vivenciam o cotidiano social, cabendo, a esta, a responsabilidade de sua criação, educação, desenvolvimento e formação. A família aparece, então, como unidade econômica e como direito das crianças e adolescente.

A globalização, os ajustes econômicos ocorridos, a dificuldades de acesso a bens e serviços,

e a alta taxa de desemprego tem levado a família brasileira há um processo de empobrecimento e aumento da exclusão social, formando uma sociedade desigual. Isto causa alterações drásticas na família, afetando diretamente as crianças e adolescentes, que ingressam cada vez mais cedo no mercado de trabalho, muitas vezes de forma irregular, clandestina, para reforço da renda familiar, deixando os estudos para um segundo plano. Apesar da grande evolução dos cuidados dispensados às crianças com o passar dos séculos, ainda hoje é grande o número de crianças abandonadas que sofrem os mais diversos tipos de violência, passam fome, morrem por causas evitáveis e que não têm acesso à saúde e educação e que estão inseridas na prostituição infantil⁽¹⁾.

Outro fator importante que ocorreu na família pós-moderna é a diminuição da taxa de fecundidade e o aumento da expectativa de vida, fatores, estes, que contribuíram para a mudança no arranjo familiar, causando impacto na estrutura etária e na longevidade da população. Estas transformações sociais, econômicas e demográficas promovem uma diversificação ainda maior nos arranjos familiares, os quais ainda conservam suas formas tradicionais. O sentido de infância, na atualidade, deve ser pensado levando em consideração as transformações abordadas face ao novo formato da família, e, ainda, a mudança das funções materna e paterna; o tamanho das famílias, que está cada vez mais reduzido; a constituição de famílias com filhos de distintos pais/mães; as transformações ocorridas na vida cotidiana e na intimidade dos núcleos familiares⁽⁷⁾.

A família, enquanto forma de agregação, tem sua dinâmica de vida própria, afetada pelo processo de desenvolvimento da humanidade; pode ser influenciada por problemas sociais de natureza diversa, que afetam o desenvolvimento integral de seus membros. Desta forma, pode deixar de ser agente de socialização de seus componentes. O bem estar infantil manifesta-se de forma precisa, podendo ser percebido através das condições gerais de sobrevivência, nível de educação e respeito dos

seus direitos humanos básicos, entre os quais o de manter um vínculo estável com a família. O lar é entendido como uma forma de organização social e, como tal, concentra responsabilidades relacionadas ao desenvolvimento de suas crianças envolvendo aprendizagem, solidariedade social, entre outras⁽⁸⁾.

A família na atualidade reorganizou-se em torno da criança, seus membros unem-se pelo sentimento de amor, pois, a criança necessita de amparo e proteção, seus direitos estão situados na esfera da ordem privada (amor, proteção, alimentação, moradia...) e na pública (saúde, educação...). A partir das condições de existência familiar, da qualidade dos relacionamentos, a família tende a propiciar, à criança, condições de vida onde a manutenção do vínculo afetivo é fator necessário para o seu desenvolvimento integral⁽⁹⁾.

Existem vários fatores que vem afetando a vida familiar, levando a profundas alterações no relacionamento pais/filhos. Está havendo distanciamento nos laços pessoais da família, ela vem diminuindo de tamanho, o trabalho doméstico da mulher perdeu o prestígio, o que a estimula a voltar-se para o trabalho fora do lar. Existe, ainda, a segregação dos vizinhos, a restrição no espaço físico disponível para a família e conseqüentemente a busca de escolas para preencher as necessidades das crianças, antes realizadas pela família⁽⁹⁾. A rapidez nas alterações vivenciadas pelas famílias, principalmente em razão do progresso tecnológico, tem levado muitos pais a criar seus filhos em condições totalmente diferentes daquelas em que foram criados⁽¹⁰⁾.

Antigamente o cuidado com a criança, até aproximadamente os sete anos de idade, era realizado integralmente pela mãe, que se dedicava aos cuidados da casa, dos filhos e do marido anulando-se. O pai por sua vez, provia financeiramente o sustento do lar e era quem detinha a autoridade. A mãe era rigorosa no cuidado da casa, sempre bem arrumada e limpa, possuía atividades religiosas e não descuidava da educação dos filhos. O comportamento exigido das crianças era respeito com os mais velhos, a

obediência aos adultos e o cumprimento de obrigações escolares. As famílias se reuniam nos finais de tarde para dialogar, bater papo com os vizinhos, amigos. Geralmente, não exigia tanto dos pais, esses tinham menos atribuições e os finais de semana eram passados junto com os parentes, primos, avós, tios entre outros; as viagens de férias ocorriam geralmente nas datas festivas do final de ano e eram para a casa de parentes. As rotinas das crianças incluíam brincar (pega-pega, amarelinha, esconde-esconde, correr, subir em árvores, pular cordas, nadar nos rios), ir à escola, fazer as tarefas, obedecer aos mais velhos. Atualmente, o dia a dia das famílias mostra uma vida sobrecarregada, os pais trabalham fora, tem mais de um vínculo empregatício, alguns não conseguem almoçar em casa e, por exigências profissionais, permanecem por longos períodos de tempo no local de trabalho. A maioria das mães recorrem à empregadas domésticas e a escolas para desenvolverem atividades antes realizadas por elas.

As crianças têm seu dia-a-dia todo assoberbado, ou seja, hora para brincar (vídeo-game, computador, brinquedos eletrônicos), hora para estudar, fazer esporte, cursos de língua estrangeira, aulas particulares entre outros. Elas saem para se divertir sem a presença dos pais, vão com a turma da escola, dormem na casa de amigos, vão a festas, sendo que os pais levam e vão busca-las, e ingressam nas escolas e creches em idades cada vez mais tenras e lá permanecem em tempo integral. Os passeios com a família passam a ser realizados nos finais de semanas, geralmente para restaurantes e as viagens de férias, que normalmente, são para o litoral⁽¹¹⁾. Contribui para isto a invasão da mulher para o trabalho fora do lar.

Percebe-se que houve alterações nas relações entre pais e filhos, pois antes os pais eram autoritários e distantes, as mães eram rígidas na higiene da casa e cuidado com os filhos, sendo que hoje eles priorizam a qualidade de tempo passado com os filhos, não mais importando a quantidade de tempo. Isto significa ficar com a criança sentindo

prazer e lhe proporcionando prazer, com menos exigências e mais contato afetivo, permitindo assim, que os pais mantenham sua individualidade enquanto pessoas e profissionais. O papel da criança também mudou, pois antigamente ela deveria obedecer e respeitar os mais velhos, sendo que hoje eles devem argumentar e lutar por suas idéias, anseios e interesses. Este comportamento não é mais visto como falta de educação, e, sim, como uma expressão dos direitos da criança, a qual só é possível em virtude da mudança de valores e costumes ocorridos nas famílias⁽¹²⁾.

Observando uma família hoje: pai chega atrasado para o jantar, sempre irritado quando o faz, mãe apressada e reclamando porque trouxe afazeres do trabalho para terminar em casa; filhos no computador, vídeo game ou outra parafernália tecnológica. Ou seja, cada um quer cuidar de si, o outro é o outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é possível pensar no bem estar da criança, sem pensar em família. Pensar em família é refletir sobre a complexidade de fatores que envolvem o mundo familiar observando sua realidade, buscando compreender seu modo de viver no mundo. A família é o espaço de inclusão e acolhimento da criança, no qual ela deve receber amor, afeto, proteção e segurança, cabendo à família a sua socialização.

Resgatando a história, observa-se que a infância vem sofrendo transformações de diferentes maneiras no seio familiar e na sociedade e que a família seja ela tradicional, moderna, pós-moderna, é um grupo social responsável, cuida pela formação do ser humano em desenvolvimento, o que o influenciará por toda a vida.

Em relação aos cuidados com os filhos podemos dizer que tanto na família moderna, como na pós-moderna a criança continua sendo o centro das atenções do meio familiar, porém, ela recebe uma educação diferente daquela realizada pela mulher tradicional cujo papel era exclusivamente

cuidar dos filhos e dos afazeres domésticos. Hoje, a mulher se encontra no mercado de trabalho auxiliando a prover os recursos financeiros para manter o bem estar de sua família, e, também, exercendo a função de mulher mãe, cuidadora e socializadora de seus filhos, para isto tem apoio de creches, escolas e empregadas domésticas.

É importante ressaltar que uma das principais transformações ocorridas ao longo da História foi à incorporação da mulher no mercado de trabalho, entendida como parte integrante das estratégias familiares. Ela, nesta dinâmica, passa a integrar as força produtiva e reprodutiva, com isso, amplia-se à escolaridade feminina, o grau de autonomia da mulher, a independência financeira e o aumento da composição salarial da família. Em contrapartida, observou-se, como conseqüências, impactos negativos como o aumento do número de divórcios, expressivo declínio dos salários médios devido ao aumento de oferta de mão-de-obra não-especializada (principalmente feminina) e o surgimento da mulher como provedora exclusiva do lar.

Algumas características predominantes se fortalecem e se solidificam na família pós-moderna como a consolidação da mulher na esfera pública e no mercado de trabalho, a distinção entre o pai-provedor e mãe-zeladora cada vez menos acentuada, famílias dependentes de mais de um salário; porém, ainda persistem as desigualdades entre homens e mulheres, como conseqüências importantes deste processo, observamos o aumento da taxa de divórcios, o aumento da taxa de uniões sem formalidades contratuais (modelos de co-habitação), maternidade e paternidade de solteiros, reprodução assistida, laços matrilineares extensos, acirramento da rede de parentesco "fictício".

Família, portanto, neste contexto pré-moderno, moderno e pós-moderno se situa como representações de modelos específicos pertencentes a determinados estágios da história, resultando em conquistas, avanços e reflexões sobre o impacto de tais transformações sobre o cotidiano da vida das crianças.

ABSTRACT: The study intends to reflect on the families role um the care of our children. It gets back the changes which happened in the familiar intitutions since the patriarchal model until the current families and the implications of these changes in our children's bringing-up process.

KEY WORDS: Family; Child; Care; Child education.

RESÚMEN: En esta investigación pretendese hacer una reflexión sobre la importante función de la familia en tener cuidado com los hijos. Objetiva el rescate de las transformaciones ocurridas en la institución familiar basada, desde el modelo patriarcal hasta las más actuales y, además de eso, evalua las consecuências de las transformaciones del aprendizaje que sufren los hijos en el processo educacional.

PALABRAS CLAVES: Familia; Niños; Cuidados; Crianza del niño.

REFERÊNCIAS

- 1 Carvalho MCL. A família contemporânea em debate. São Paulo: educ. 1995.
- 2 Oliveira BRA. A criança a infância e a família. [dissertação]. São Paulo (SP): Escola de Enfermagem da EERP da Universidade de São Paulo, 1997.
- 3 Shorter ES. A formação da família moderna. 1975.
- 4 Vaitsman J. Flexíveis e plurais: identidade, casamento, e família em circunstâncias pós-modernas. Rio de Janeiro: Rocco; 1994.
- 5 Centa ML. Do natural ao artificial: a trajetória de um casal infértil. Curitiba: Ed. do Autor; 2001.
- 6 Engels F. A origem da família, da propriedade privada e do estado. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 1995.
- 7 Coldani apud Oliveira, 1997.
- 8 Freitas apud Oliveira, 1997.
- 9 Karpowitz DM. A conceptualization of the American family. In: Handbook on parent education. New York, Academic Press; 1980.
- 10 Fine E. The parent education movement: in introduction. New York, Academic Press; 1980.
- 11 Romanelli G. Famílias de camadas médias: modernidade e mudança. In: Anais da XVIII Reunião anual de psicologia; 1988. Ribeirão Preto; p. 75-82.
- 12 Figueira SA. O moderno e o arcaico na nova família brasileira: notas sobre a dimensão invisível da mudança social. In: Figueira SA. (org.) Uma nova família? O moderno e o arcaico de classe média brasileira. Rio de Janeiro: Zahar; 1987.
- 13 Ariès P. História social da criança e da família. Rio de Janeiro, Guanabara; 1981.
- 14 Ceverny CMO. A família como modelo: descontraindo a patologia. Campinas: PSY II; 1994.

Recebido em 09/05/2003

Aceito em 07/08/2003